



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO
HABILITAÇÃO EM FORMAÇÃO DE PROFESSORES DA EDUCAÇÃO
BÁSICA DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – UEPB

MARIA GILVANEIDE CAVALCANTI DE LIMA

AS ARTES VISUAIS: UM ESPAÇO DE CRIATIVIDADE E
DESENVOLVIMENTO INFANTIL

CAMPINA GRANDE-PB

2014

MARIA GILVANEIDE CAVALCANTI DE LIMA

**AS ARTES VISUAIS: UM ESPAÇO DE CRIATIVIDADE E
DESENVOLVIMENTO INFANTIL**

Trabalho apresentado ao Curso de Especialização em Formação de Professores da Educação Básica da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, em cumprimento as exigências para obtenção do título de especialista.

Orientadora Prof.^a Ma. Adalgisa Rasia

CAMPINA GRANDE - PB

2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

Lima, Maria Gilvaneide Cavalcanti de

As artes visuais [manuscrito] : um espaço de criatividade e desenvolvimento infantil / Maria Gilvaneide Cavalcanti de Lima. - 2014.

52 p. : il. color.

Digitado.

Monografia (Especialização em Formação de Professores da Educação Básica) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2014.

"Orientação: Profa. Ma. Adalgisa Rasia, Departamento de Pedagogia".

1. Educação Infantil 2. Criatividade 3. Ensino das Artes Visuais I. Título.

21. ed. CDD 372

MARIA GILVANEIDE CAVALCANTI DE LIMA

AS ARTES VISUAIS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Trabalho apresentado ao Curso de Especialização em Formação de Professores da Educação Básica da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, em cumprimento as exigências para obtenção do título de especialista.

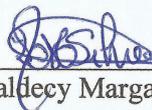
Monografia aprovada em 02/06/2014

BANCA EXAMINADORA



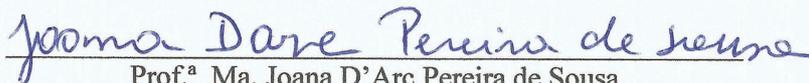
Prof.^a Ma. Adalgisa Rasia

ORIENTADORA



Prof.^a Dr.^a Valdecy Margarida da Silva

EXAMINADORA



Prof.^a Ma. Joana D'Arc Pereira de Sousa

EXAMINADORA

Dedico este trabalho à minha família, que me acompanhou nesta caminhada, compreendendo-me e ajudando-me nos momentos mais difíceis.

AGRADECIMENTOS

Dos primeiros esboços até o final do trabalho, o caminho foi longo e difícil. Mas tive a dádiva de contar com o apoio necessário para concluir mais uma etapa importante para a minha vida profissional e pessoal.

Agradeço a Deus por está sempre cuidando de mim, sem jamais me deixar vacilar e indicando sempre o caminho a seguir.

Com imenso carinho, agradeço a minha família por caminhar sempre comigo nos momentos mais difíceis, ajudando-me a vencer os obstáculos.

A professora Adalgisa Rasia, que com simplicidade me estimulou e orientou para que eu prosseguisse neste caminho, proporcionando-me às condições necessárias para o termino do trabalho. Obrigada!

Não poderia deixar de agradecer, também, as profissionais de Educação Infantil que se dispuseram a ajudar-me, mesmo com tantas atividades por realizar. Deus as abençoe!

Aos professores da Especialização em Formação de Professores da Educação Básica da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB

E, em especial, ao meu filho Gabriel que participou ativamente de toda a minha luta e instiga-me a todo instante a ser um ser humano melhor. Um beijo! Obrigada por tudo!

“Como cidadão, nosso filho não deverá deixar de compreender que um dos requisitos essenciais da sociedade democrática consiste em viver em paz com seus vizinhos, respeitando-os como indivíduos, cada um dentro do seu direito, e em saber cooperar, com eles. Esses atributos não são apenas sublinhados pela arte, mas também parte essencial da arte. Se uma criança se dedica a atividades criadoras e desenvolve sua própria liberdade, sua própria iniciativa, crescerá dentro de um espírito que lhe permitirá reconhecer e apreciar as diferenças individuais.”

(LOWENFELD, 1977, p. 216)

RESUMO

LIMA, Maria Gilvaneide Cavalcanti de. **As Artes Visuais: Um Espaço De Criatividade E Desenvolvimento Infantil**. 51f. 2014. Trabalho Acadêmico Orientado do Curso de Especialização em Formação de Professores da Educação Básica, Centro de Educação – UEPB. Campina Grande, Paraíba.

A Arte está presente na vida do homem como uma forma de expressar sentimentos, percepção e imaginação, ou seja, uma linguagem que pode traduzir a sua relação consigo mesmo e com o mundo em que vive. Desse modo, o presente estudo tem como objetivo analisar a importância de se trabalhar as Artes Visuais na Educação Infantil, tendo como suporte teórico as ideias e práticas existentes no Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil – RCNEI e, também, resgatando as ideias e pensamentos de Piaget, Wallon, Fiest, Cunha, entre outros autores. Na perspectiva de detectar de que forma o ensino das Artes Visuais estimula o desenvolvimento da criatividade e o desenvolvimento da criança, buscamos também conhecer a visão que os professores têm relativa ao tema, para tanto foi realizada uma pesquisa de campo composta por questões subjetivas que foram respondidas pelos cinco professores que atuam na área de Educação Infantil da Creche Municipal Zeferina Gaudêncio. Os dados foram analisados por meio de análise de conteúdo. Os resultados da análise apontam para a necessidade de uma maior fundamentação teórica dos educadores em relação às artes na formação acadêmica dos professores com atuação na área da Educação Infantil, fato este que atrelado a outros fatores, impedem a compreensão das formas artísticas como expressão criativa necessária ao desenvolvimento infantil. Neste trabalho percebemos a importância da criança ser estimulada por meio das Artes Visuais na sala de aula da educação infantil, onde possam se apropriar de materiais diversos para falar de si, do mundo e para representar seus pensamentos e sentimentos de forma lúdica e prazerosa. Acreditamos, portanto que Arte é um meio para que a criança possa construir a sua identidade, e assim torna-se uma pessoa crítica e reflexiva, um cidadão sujeito da própria história.

Palavras-chave: Artes Visuais. Criatividade. Educação Infantil.

ABSTRACT

LIMA, Maria Gilvaneide Cavalcanti de. **The visual arts in the Infatile Education**. 51 f. 2013. Guided Academic work of the Course of Pedagogy - UEPB - CEDUC. Campina Grande, Paraíba.

Art is present in the man's life as a form of expressing feelings, perceptions and imagination. In other words, a language that can translate a person relationship with him or herself and with the world he or she lives. This research has as objective to analyze the importance of visual arts as a subject in childhood education using as theoretical support the ideas and practice in Reference National Curricular for the Childhood Education - RCNEI and, also, some thoughts of Piaget, Wallon, Fiest, Cunha among others. In order to detect how visual arts are taught and the vision that teachers have about it, a questionnaire composed by subjective question was used. This questionnaire was answered for the five teachers that work in Childhood Education. The data were analyzed through the method of analyzes of content. The results of the analyzes stressed the need of a larger theoretical basement in relation to arts in the teachers' academic formation with performance in the area of the Childhood Education, that harnessed to other factors, impede the understanding in the artistic ways as necessary creative expression to the infantile development. Through this work we noticed that children need to be stimulated through Visual Arts so they can appropriate themselves of several tools to speak of themselves and of the world and to represent their thoughts and feelings. When it is provided to the child, of form ludic and pleased, as a mean to build their identity, he/she will be able to become a critical and reflexive person, a citizen subject of the own history.

Key-Words: Art. Creativity. Childhood education.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Figuras humanas	31
Figura 2 - Figuras humanas	31
Figura 3 - Autorretrato, primeira fase.....	31
Figura 4 - Autorretrato, segunda fase	31
Figura 5 - Garatuja.....	32
Figura 6 - Um dia na piscina – período simbólico.	33
Figura 7 - Desenho para um amigo – período simbólico	34

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Importância das diversas formas artísticas para o desenvolvimento infantil de acordo com a opinião dos professores entrevistados da Creche Municipal Zeferina Gaudêncio, Campina Grande/PB	38
Tabela 2 - Conhecimento sobre o Ensino das Artes Visuais no Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil dos professores entrevistados da Creche Municipal Zeferina Gaudêncio, Campina Grande/PB	39
Tabela 3 - Formas artísticas utilizadas no cotidiano da sala de aula pelos professores entrevistados da Creche Municipal Zeferina Gaudêncio, Campina Grande/PB	40
Tabela 4 – Principais dificuldades na aplicação do ensino das Artes Visuais na Educação Infantil relatadas pelos professores entrevistados da Creche Municipal Zeferina Gaudêncio, Campina Grande/PB	41
Tabela 5 – Presença e formas de estímulo a criança para participar das atividades artísticas visuais relatadas pelos professores entrevistados da Creche Municipal Zeferina Gaudêncio, Campina Grande/PB	43

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
CAPITULO 1 – CONTEXTUALIZANDO A EDUCAÇÃO INFANTIL EM SEUS ASPECTOS LEGAIS.....	13
1.1. Resgate histórico da educação infantil.....	13
1.2. Educação Infantil: políticas públicas.....	15
1.3. Funções da Educação Infantil.....	19
1.4. Objetivos da Educação Infantil.....	22
CAPÍTULO II - CRIATIVIDADE E ARTE NO DESENVOLVIMENTO INFANTIL.....	23
2.1. A arte e a criatividade na prática pedagógica da educação infantil.....	23
2.2. As Artes Visuais na Educação Infantil.....	26
2.3. O Desenho como forma de Expressão da Criança.....	30
METODOLOGIA.....	37
RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	38
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	45
REFERÊNCIAS.....	48
APÊNDICE	

INTRODUÇÃO

Começamos a perceber a necessidade no início do curso de reconhecer que estamos sempre passando por um processo de desconstrução e reconstrução. Este processo contínuo em nossas vidas e que possibilita o abrir caminhos para encontrar possíveis respostas para nossas indagações a respeito da prática como educador Infantil.

Neste sentido, nasceu a necessidade de trabalhar o tema “Artes visuais na Educação Infantil”, enquanto educador infantil, e de encontrar referências teóricas que nos permitisse refletir sobre a importância do ensino das artes para o desenvolvimento da criatividade expressiva das crianças nos seus primeiros anos de escola.

A importância da arte para a humanidade passa pela necessidade humana de se expressar, demonstrar sentimentos capazes de transformar a realidade sócio-histórica, vivenciando de forma estimulante e prazerosa a realidade. É representando o mundo real que o homem tem encontrado meios de registrar momentos históricos de uma determinada época, reverenciando seus costumes, tradições e cultura.

A imaginação criadora é uma forma concreta de lidar com os elementos do real, recombinação-as, conferindo-lhes sentido. Portanto, quando uma criança pinta um quadro, modela um boneco ou inventa uma história, ela está desenvolvendo e exercitando suas capacidades de observação, representação e significação. A criança ao desenvolver a sua própria expressão, para construir novos significados e conhecimentos (VYGOTSKY, 1989, p. 76).

Partindo desse pressuposto, fica evidenciado que o papel da escola e do educador é ampliar o repertório do aluno e seu conhecimento de mundo organizando atividades significativas que permitam o exercício da capacidade cognitiva, sensitiva, afetiva e criativa por meio da aprendizagem artística.

Dessa forma, a compreensão da prática do ensino das Artes na Educação Infantil é de suma importância, pois a criança, por estar em pleno desenvolvimento, ela pesquisa a própria emoção, observa e experimenta o mundo que a rodeia, desenvolve percepções e imaginação, faz adaptações, constrói e organiza seus pensamentos para poder formar hábitos, que serão fundamentais na sua inserção social.

Nosso interesse é fazer este estudo visando uma aprendizagem significativa e uma melhora da qualidade do ensino de arte, na Educação Infantil, e, ao mesmo tempo, registrar informações que possam ajudar o educador a reviver a sua prática educativa no que se refere aos benefícios que a atividade artística pode trazer para desenvolvimento das crianças.

A educação em arte propicia o desenvolvimento do pensamento artístico e da percepção estética que caracterizam um modo propício de ordenar e dar sentido à experiência humana: o aluno desenvolve a sua sensibilidade, percepção e imaginação. Tanto ao realizar formas artísticas quanto na ação de apreciar e conhecer as formas produzidas por ele e pelas colegas, pela natureza e nas diferentes culturas. (BRASIL, PCNs, 1997, p. 181).

A metodologia para a realização deste estudo foi uma pesquisa Bibliográfica e de Campo Descritiva. Foram escolhidos 05 professores de Educação Infantil da Rede Municipal de Ensino de Campina Grande – PB.

O trabalho monográfico está dividido em dois capítulos. No primeiro capítulo denominado “Contextualizando a educação infantil em seus aspectos legais” analiso as leis, funções e objetivos da Educação Infantil.

O segundo capítulo aborda “A Criatividade a Arte no Desenvolvimento Infantil”, buscando compreender as artes visuais na educação infantil e o desenho como forma de expressão da criança.

O instrumento usado para a realização do estudo foi um questionário subjetivo, contendo perguntas relacionadas ao tema.

Os resultados e discussões apresentam a visão das educadoras sobre a Arte e a Criatividade na Educação Infantil.

CAPITULO 1 – CONTEXTUALIZANDO A EDUCAÇÃO INFANTIL EM SEUS ASPECTOS LEGAIS

1.1. Resgate histórico da educação infantil

No decorrer da história, a concepção de infância, passou por várias transformações interligadas ao contexto sócio-histórico e cultural da humanidade. No século XVII, segundo pesquisas realizadas pelo historiador francês Philippe Áries (1981), devido à alta taxa de mortalidade infantil, especificamente no continente europeu, as crianças pequenas não tinham existência social. Na época, quando a criança ultrapassava o período de alto índice de mortalidade, mais ou menos aos três anos de idade, era considerado um adulto em miniatura. Somente a partir dos trabalhos de Rousseau (1712 - 1778), Pestalozzi (1746 - 1827) e outros autores, é que se começa a perceber que a criança é diferente do adulto.

Porém, mesmo com o surgimento da literatura pedagógica a respeito da importância de se ter uma educação infantil, à concepção de infância não mudou muito para as crianças das classes populares, pois elas não tinham função social, antes de entrar para o mundo do trabalho.

Foi no século XIX, que as transformações sociais e econômicas ocorridas em todo o mundo com a Revolução Industrial, contribuíram para que mudanças acontecessem também no núcleo familiar. A mulher passou a trabalhar nas fábricas, e com isso ocorrem alterações no cotidiano das famílias, ela já não podia ficar em casa e cuidar dos filhos. Essa tarefa foi transferida, por exemplo, para outras mulheres que recebiam dinheiro para isso, foi a partir dessa nova realidade social que a preocupação com a criança foi sendo ampliada e a concepção de infância ganhou novos enfoques sociais e educativos. Jardins de Infância e lugares para abrigar os menores de oito anos foram sendo criados e políticas de assistência, foram elaboradas.

No Brasil, só no final do século XIX, começou a surgir a ideia de se proteger a infância, pois, até então, existiam iniciativas isoladas como o Asilo de Meninos Desvalidos, fundado no Rio de Janeiro em 1875, e o primeiro Jardim de Infância, denominado Meneses Vieira (1875), que por falta de apoio do governo, fechou as suas portas.

Na história desse atendimento percebe-se como é constante a prática de criar e extinguir órgãos burocráticos com função de controle, o que acarreta a superposição do atendimento e redundância na existência de órgãos diversos com as mesmas funções. Essa multiplicação do atendimento não é um problema meramente organizacional ou de caráter administrativo. Ela expressa, sobretudo, a forma estratificada com que a criança é encarada: o problema da criança é fragmentado e pretensamente combatido

de forma isolada, ora atacando-se as questões da saúde, ora do “bem-estar” da família, ora da educação (KRAMER, 1987, p. 91).

A expansão dos jardins de infância, no Brasil, foi dificultada pelos problemas de saúde da época, e porque a educação brasileira não era contemplada com políticas públicas e, nem com recursos financeiros, direcionados para atender a criança pequena. Então, em 1899, foi criado o Instituto de Proteção e Assistência à Infância do Brasil, que tinha como objetivos:

- ⇒ Atender as crianças menores de oito anos;
- ⇒ Elaborar leis que regularizassem a vida e a saúde dos recém-nascidos;
- ⇒ Cuidar dos menores trabalhadores e criminosos;
- ⇒ Atender crianças pobres, doentes, deficientes, maltratadas e moralmente abandonadas;
- ⇒ Criar maternidades, creches e jardins de infância (KRAMER, 2003, p. 14).

Quando a Primeira Guerra Mundial terminou, foram criadas as primeiras creches e berçários particulares no Brasil, com o objetivo de atender os filhos das mulheres que trabalhavam nas fábricas em tempo integral. Porém, somente após a Segunda Guerra Mundial é que o atendimento a criança tornou-se oficial.

Desde 1947 a Constituição Nacional, prevê a criação de creches nos parques industriais ou nas fábricas, com o intuito de viabilizar uma forma de dar à mulher a condição de acompanhar a educação do seu filho. Mas, foi com a promulgação da Constituição de 1988, que a educação em creches e pré-escolas foi reconhecida como um direito da criança e um dever do Estado.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), Lei 9.394/96, reestruturou a organização da educação formal das crianças pequenas, constituindo-a como: “[...] a primeira etapa da educação básica tendo como finalidade o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, em seus aspectos físicos, psicológicos, intelectuais e sociais, complementando a ação da família e da comunidade” (BRASIL, 1996, p. 76).

Atualmente, com o avanço tecnológico e as necessidades da família e da comunidade, as crianças estão entrando cada vez mais cedo nas instituições de Educação Infantil, privadas ou particulares, o que tem provocado mudanças comportamentais nos profissionais envolvidos com o processo educativo dessas crianças e nas organizações das propostas curriculares para atender essa faixa etária. As pessoas envolvidas com o trabalho educativo dessa fase do desenvolvimento humano tem se preocupado em rever suas práticas, objetivando construir e desenvolver um trabalho que valorize e respeite a criança como um ser pensante, crítico, reflexivo e criativo que produz e transforma a sua história de acordo com as suas necessidades individuais e, conseqüentemente, coletivas. É a vida na escola que irá

desenvolver habilidades e aptidões que farão do homem um cidadão. Portanto, a escola é um espaço onde:

O conteúdo do ensino, mas também seus métodos e disciplina escolar são meios permanentes e normais para dar à criança o gosto pela verdade, a objetividade do juízo, o espírito de livre exame e o senso crítico que farão dela um homem que escolherá suas opiniões e seus atos (PLANO LANGEVIN-WALLON, 1969, p. 187).

A escola tem, portanto, que ser um lugar onde caminhos são abertos para que a criança possa ter a oportunidade de desenvolver as suas tendências e necessidades, podendo então se desenvolver integralmente.

1.2. Educação Infantil: políticas públicas

Segundo o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil - RCNEI (BRASIL, 1998, p. 23):

Educar significa propiciar situações de cuidados, brincadeiras e aprendizagens orientadas de forma integrada e que possam contribuir para o desenvolvimento das capacidades infantis de relação interpessoal, de ser e estar com os outros em uma atitude básica de aceitação, respeito e confiança, e o acesso, pelas crianças, aos conhecimentos mais amplos da realidade social e cultural.

A criança, na perspectiva desse processo educativo, poderá ser auxiliada no desenvolvimento das suas capacidades de apropriação e conhecimento das potencialidades corporais, afetivas, emocionais, estéticas e éticas, contribuindo para a formação de seres humanos mais felizes, saudáveis e preparados para transformar o seu universo sócio-histórico e cultural.

A Educação Infantil, de acordo com a Lei de Diretrizes e Bases (LDB), baseia-se nos seguintes princípios norteadores:

A Educação Infantil é considerada a primeira etapa da educação básica (título V, cap. II, seção II, art. 29), tendo como finalidade o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, em seus aspectos físicos, psicológicos, intelectual e social complementando a ação da família e da comunidade (BRASIL, 1996, p. 79).

No Art. 30, cap. II, seção II: “A Educação Infantil será oferecida em creches ou entidades para crianças até três anos de idade, e pré-escolas para crianças de quatro a seis anos” (BRASIL, 1996, p. 79).

Art. 31, seção II, na Educação Infantil “A avaliação far-se-á mediante o acompanhamento e registro de seu desenvolvimento, sem o objetivo de promoção, mesmo para o acesso ao ensino fundamental” (BRASIL, 1996, p. 79).

A Educação Infantil é oferecida no Brasil, como uma complementação à ação familiar, proporcionando condições de desenvolvimento físico, emocional, cognitivo e social da criança e promovendo a aplicação de suas experiências e conhecimentos, estimulando o seu interesse de transformação da natureza e nas suas relações sociais, viabilizando assim, o construir instrumentos e estabelecer meios que lhes possibilitem a realização de suas ações durante um percurso de tomada de decisões.

As instituições educativas creches e pré-escolas devem ser complementadas pela assistência a saúde, buscando se articular com os setores competentes da sociedade. O currículo da Educação Infantil deve promover, na sua concepção, o desenvolvimento da criança nas suas capacidades de ordem física, cognitiva, afetiva estética, ética de relação pessoal e social e, de inserção das populações infantis e os conhecimentos que pretendam universalizar.

Sabemos que em nossa sociedade o ato de educar não se restringe apenas a ação de educadores, mas também, através da família, dos amigos e de pessoas que a criança considera importantes e significativas, dos meios de comunicação de massa, das suas experiências cotidianas e, dos movimentos sociais que permeiam a construção da sua história e da humanidade.

Sendo assim, toda ação educativa comprometida com a cidadania e com a formação de uma sociedade democrática e não excludente deve, necessariamente promover o convívio com a diversidade cultural. Essa diversidade inclui não somente as diversas culturas, os hábitos, os costumes, mas também as competências, as particularidades de cada um. O aprender a conviver e relacionar-se com pessoas que possuem habilidades e competências diferentes, que possuem expressões culturais e marcos sociais próprios é condição necessária para o desenvolvimento de valores éticos, como a dignidade do ser humano, o respeito ao outro, a igualdade, a equidade e a solidariedade. É neste processo educativo do ambiente familiar, do ambiente escolar, que a criança aprende a conviver, a ser e a estar com os outros e consigo mesma, em uma atitude de aceitação, de respeito, de confiança, identidade e autonomia.

Destacamos que a criança durante esse processo de construção do conhecimento aprende a planejar, direciona e planeja suas ações, comete erros, reflete e busca possibilidades para corrigi-los, tornando-se sujeito da sua história. Contudo, ao profissional de Educação cabe uma parcela significativa na construção do indivíduo, cidadão e sujeito da sua história, posicionando-se como um mediador reflexivo, em constante formação pessoal e acadêmica,

sempre aberto às mudanças e atento às diversidades e necessidades das crianças com as quais trabalha dentro do processo educativo.

Desse modo, a Educação Infantil comprometida com uma educação com qualidade, mais rica e mais crítica pretende desenvolver junto às crianças experiências, onde estas possam aprender partindo do conhecimento do cotidiano, construir conceitos e refleti-los, garantindo-lhes os instrumentos necessários para aprender e transformar.

O Referencial Curricular para a Educação Infantil (BRASIL, 1998), apresenta-se, então, como um suporte teórico que auxilia na construção de propostas curriculares para a Educação Infantil voltada para a formação do indivíduo construtor da sua história e da humanidade.

A constituição Federal (1988), em seu artigo 205, assegura a educação como direito de todo cidadão e dever do Estado, para o pleno desenvolvimento da pessoa. Contudo, este direito constitucional ainda não tem sido amplamente garantido e concretizado, especialmente no tocante a Educação Infantil, onde o período de 0 a 6 anos, que é defendido por muitos estudiosos como o momento mais decisivo para o desenvolvimento emocional e cognitivo do ser humano, não recebe recursos substanciais para existir.

Historicamente, esta faixa etária sempre foi relegada em segundo plano, onde as políticas públicas para a Educação não veiculam respaldo financeiro e, nem estrutural, para o atendimento das crianças. Esta triste realidade, começou a mudar um pouco, quando aconteceu a implantação do Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental e de Valorização do Magistério (FUNDEF), pois trouxe novas perspectivas para o futuro da educação básica, provocando uma nova postura diante da necessidade de se investir na educação desde a infância para o crescimento do país enquanto nação.

Mesmo diante destes fatos, a Educação Infantil ainda não foi respeitada e, nem contemplada com os recursos necessários para o desenvolvimento de uma educação forte, reflexiva e respeitosa. Os recursos financiavam só o ensino fundamental, ficando a cargo dos governos municipais o interesse e a responsabilidade de revestir nessa área.

Consequentemente, o atendimento a essa fase da infância ficou caracterizada como um encargo financeiro difícil de ser contemplado pelos governantes, que sempre alegavam falta de condições financeiras para construir um atendimento de qualidade, e tentavam remediar a situação com ações paliativas.

Surge, portanto, um novo fundo, em substituição ao FUNDEF, foi sancionado em 1º de Janeiro de 2007 e, tem um sistema normatizado em lei com recursos da União, Distrito Federal, Estados e Municípios. Este novo fundo é o Fundo de Manutenção e

Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação (FUNDEB) que pela primeira vez contempla a Educação Infantil, estabelecendo fatores de ponderação, ou seja, um índice mínimo, com um objetivo de equilibrar a distribuição de recursos entre os níveis de ensino. Para o primeiro ano de vigência foi estabelecida uma relação de valor, aluno e ano, para cada etapa e modalidade da educação básica, um fator que varia de 0.70 à 1.30. E para a Educação Infantil foi definido o fator 0.80, que significa que cada criança matriculada receberá 80% do valor investido pelo FUNDEB por aluno e ano nas series iniciais do ensino fundamental urbano, considerado fator 1. Já o valor definido para as pré-escolas foi o de 0.90.

Segundo Cleuza Rodrigues Repulho (Presidente da União Nacional dos Dirigentes Municipais de Educação - UNDIME), os valores estabelecidos para a Educação Infantil ficaram aquém do necessário e precisarão ser revistos. No entanto, ressalta a importância do acesso da Educação Infantil aos recursos do FUNDEB. Depois de uma história de luta, esse momento é realmente uma conquista efetiva.

Neste sentido, é necessário que os municípios, juntamente com o respaldo do governo federal, garanta o acesso e a qualidade da Educação Infantil. Para tanto, a revisão dos valores deverá ser realizada anualmente para corrigir distorções e, uma comissão intergovernamental definirá a partilha dos recursos evitando assim, o mau uso dos recursos direcionados a esta fase tão importante para a infância. Esta comissão será composta de um representante do Ministério da Educação (UNDIME), cinco do Conselho Nacional dos Secretários Estaduais de Educação (CONSED), um de cada região do país.

Em 2008, ponderações entre as matrículas da Educação Infantil seguirão as seguintes pontuações, segundo Rafael Cristiano Ely (BRASIL, 2007, p. 34): Creche pública em tempo integral - 1.10; creche pública em tempo parcial - 0.80; creche conveniada em tempo integral - 0.95; creche conveniada em tempo parcial - 0.80; pré-escola em tempo integral - 1.15; pré-escola em tempo parcial - 0.90.

O atual momento da Educação Infantil no Brasil tem como característica marcante, uma preocupação em se analisar criticamente a dinâmica do trabalho em instituições infantis, considerando o respaldo legal e as especificidades do atendimento para esse período da infância que tem por objetivo: “o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, em seus aspectos físicos, psicológicos, intelectual e social, complementação a família e da comunidade.” (BRASIL, 1996, Art. 29)

1.3. Funções da Educação Infantil

Para se compreender esse novo momento da Educação Infantil é necessário resgatar as funções que constituíram o atendimento a esta fase escolar da vida do homem, buscando compreender historicamente, a trajetória da Educação Infantil, nos mostra que o caráter assistencialista marcou a sua história, pois durante muito tempo as instituições de atendimento a infância eram criadas para abrigar e salvar crianças da classe popular, cujas famílias não possuíam estrutura para fazê-lo, assumindo assim, a função inicial de guardar as crianças. E as propostas existentes nas creches, por sua vez, enfatizavam a higiene e a saúde em seus atendimentos, pois o índice de mortalidade infantil era muito alto na época.

Durante o século XIX, a pré-escola passou a ter uma nova função que era a de compensar as deficiências das crianças. Para tanto, foram criados os primeiros Jardins de Infância, por estudiosos como: Froebel (Alemanha), Montessori (Itália) e Realbody (Estados Unidos). Nesse período, o educar e o cuidar estiveram integrados, pois as instituições acolhiam, cuidavam e educavam as crianças, complementando a ação familiar. Nessa fase, não havia uma preocupação em se separar o que era responsabilidade da família e da instituição.

Depois da Segunda Guerra Mundial, que o mundo passou a ter uma divisão de dois blocos: Os países “socialistas”, liderados pela EX-URSS de um lado, e do outro, os “capitalistas” liderados pelos Estados Unidos. Nesse período a pré-escola com função compensatória, recebe as influências das teorias do desenvolvimento infantil e da psicanálise de um lado e, do outro, os estudos linguísticos e antropológicos. Essas influências marcaram a função da pré-escola com função preparatória, e determinaram a elaboração da abordagem da privação cultural.

Surge assim, nos países “socialistas”, por ter como concepção ideológica o amor e a obediência ao Estado, assumiram a total educação das crianças, chegando a privar a participação da família nesse processo. Já os Estados Unidos, ao contrário assumiu uma postura de inserção na educação da criança pequena, a responsabilidade era totalmente da família. Portanto, ao Estado cabia a preocupação com a escolarização e, para tanto, investiu na construção de instituições pré-escolares com o objetivo de preparar a criança para escola regular, e assim resolver o problema do fracasso escolar que afetava principalmente, as crianças negras e imigrantes daqueles países. O Brasil, como sabemos, costuma acompanhar a concepção norte americana, pois a preocupação maior é com a escolarização da criança, tendo

como objetivo principal garantir a cidadania futura. Dessa forma, o cuidar passa a ser visto como responsabilidade exclusiva da família; e o educar passa a ser obrigação do Estado.

A pré-escola, dentro dessa perspectiva, parte da premissa de que a família não é capaz de dar condições para que a criança tenha um bom desempenho na escola, ela é carente culturalmente e, não possui os requisitos básicos capazes de garantir o seu sucesso escolar. Dessa forma, faz-se necessário que a pré-escola sirva para prever as carências culturais, nutricionais e afetivas das crianças, proporcionando a partir daí, uma igualdade de chances que garantam um bom desempenho escolar para todas as crianças.

Nesse momento histórico, o espaço creche fica estigmatizado como um mal necessário, que a família necessita para cuidar dos seus filhos, enquanto seus membros trabalham desencadeando os movimentos sociais das décadas de 60 e 70, que defendiam os ideais de liberdade de vida em comunidade, etc., influenciam e promovem mudanças no comportamento educacional da população. Mobilizações sociais, envolvendo vários segmentos sociais e políticos da sociedade, impulsionam movimentos de lutas por creches, defendendo essas instituições como um direito da criança e da família, onde um serviço de qualidade possa atender de forma compartilhada, a responsabilidade de cuidar e educar as crianças.

No entanto, nos últimos anos, questionamentos sobre e a educação compensatória e sobre a abordagem da privação cultural, marcam a necessidade de se rever às funções da Educação Infantil.

A década de 1980 aparece como um divisor de águas na Educação do Brasil, pois pesquisadores e profissionais que atendem a infância passam a discutir a creche e a pré-escola como espaços que visem o pleno desenvolvimento das crianças. Para dar respaldo legal a estas discussões, a Constituição Federal (1988) reconhece como direito da criança e dever do Estado o acesso à educação em creche e pré-escola. (Art. 208, inciso IV).

No discurso oficial da década de 80, algumas alterações nas propostas do Ministério da Educação e Cultura (MEC), foram feitas e a pré-escola foi transvestida de uma nova função: a pré-escola com objetivos em si mesma.

A educação pré-escolar visa ao desenvolvimento global e harmônico da criança, de acordo com suas características físicas e psicológicas, neste particular momento da sua vida e situada em sua cultura e em sua comunidade. Ela tem, portanto, objetivos em si mesma, próprios da faixa etária e adequadas às necessidades do meio físico, social, econômico e cultural (BRASIL, 1979).

A pré-escola, com objetivos em si mesma, deixa de proclamar a função compensatória da Educação Infantil, mas continua tendo enfoque político, onde essa etapa da

Educação não cura mais os males educacionais, mas sim os sociais e econômicos. A pré-escola é considerada, nesta perspectiva, importante em e por si mesma, não sendo, portanto, responsável pelo desempenho das crianças no ensino fundamental. Nesse instante, fica implícita a construção de uma pré-escola onde a qualidade da assistência não é prioridade. Nessa proposta para a pré-escola, não encontramos a definição de critérios de funcionamento voltados para uma assistência pedagógica de qualidade, onde as crianças recebem um acompanhamento sistemático para que possam se desenvolver integralmente. Também, não temos a delineamento de um sistema de apoio pedagógico de formação continuada, para os professores responsáveis pelas mudanças na construção dos valores, atitudes e conhecimentos das crianças.

Dessa forma, a ausência até agora, nas funções da pré-escola, da percepção da criança como um todo, não levando em conta a sua inserção social, é que encontramos a função pedagógica, onde o trabalho realizado enfatiza a realidade social e os conhecimentos da criança como ponto de partida para o desenvolvimento e, os amplia através de práticas educativas com significados concretos para a vida dela, que terão como consequência a construção de novos conhecimentos. A pré-escola passa a ter um programa sistemático e intencional, direcionado à transmissão de conhecimentos novos e à garantia de novas aprendizagens. Nessa perspectiva da pré-escola, os objetivos delineados, remetem a necessidade em se investir em capacitação dos recursos humanos e também, numa supervisão pedagógica que favoreça a compreensão da criança como um ser em constante construção, enfatizando a sua capacidade de entender, de se expressar e agir sobre e dentro do mundo em que se encontra inserida.

Faz-se necessário, por outro lado que a educação pré-escolar seja despojada de seu caráter pretensamente compensatória, pois este simplesmente antecipa a marginalização e a discriminação que as crianças das classes sociais dominadas sofrem na escola. Revestidas, então, de um cunho realmente, pedagógico; e voltadas não a uma criança abstratamente concebida, mas as crianças concretas, as diferentes pré-escolas poderão beneficiá-las, garantindo a efetividade do trabalho escolar. (KRAMER, 1987, p. 119)

É preciso, portanto, encararmos o desafio de defender uma pré-escola de qualidade, que tem, mas do que ser uma etapa do desenvolvimento voltada para o assistencialismo social; para o caráter compensatório; que tenha objetivos em si mesma, cuja função pedagógica seja a de só transmitir conhecimentos. Mas, sim, que esta etapa da vida escolar, seja repleta de descobertas, reflexões, construções e transformações que garantam à inserção sócio-histórica, do indivíduo.

1.4. Objetivos da Educação Infantil

Segundo Piaget (1989), o principal objetivo da educação é criar homens capazes de fazer coisas novas, e não repetir simplesmente o que as outras gerações fizeram – homens criativos, inventivos e descobridores, com base nas ideias do autor, a educação deve viabilizar condições para que as crianças possam desenvolver as suas capacidades física, afetiva, cognitiva, ética, estética, de relação interpessoal e, também, de inserção social. Neste sentido, o RCNEI (BRASIL, 1998), apresenta os objetivos da Educação Infantil, que devem ser organizados de modo que a criança possa desenvolver as seguintes capacidades:

- ⇒ Desenvolver uma imagem positiva de si, quando de forma cada vez mais independente, com confiança em sua capacidade e percepção de suas limitações;
- ⇒ Descobrir e conhecer progressivamente seu próprio corpo, sua potencialidade e seus limites, desenvolvendo e valorizando hábitos de cuidado com a própria saúde e bem-estar;
- ⇒ Estabelecer vínculos afetivos e de troca com adultos e crianças, fortalecendo sua auto-estima e ampliando gradativamente suas possibilidades de comunicação e interação social;
- ⇒ Estabelecer e ampliar cada vez mais as relações sociais, aprendendo aos poucos a articular seus interesses e pontos de vista com os demais, respeitando a diversidade, e desenvolvendo atitudes de ajuda e colaboração;
- ⇒ Observar e explorar o ambiente com atitudes de curiosidade, percebendo-se cada vez mais como integrante e agente transformador do meio ambiente e valorizando atitudes que contribuem para sua conservação;
- ⇒ Brincar, expressando emoções, sentimentos, pensamentos, desejos e necessidades;
- ⇒ Utilizar as diferentes linguagens (corporal, musical, plástica, oral e escrita) ajustadas às diferentes intenções e situações de comunicação, de forma a compreender e ser compreendido, expressar suas idéias, sentimentos, necessidades e desejos e avançar no seu processo de construção de significados enriquecendo cada vez mais sua capacidade expressiva;
- ⇒ Conhecer algumas manifestações culturais, demonstrando atitudes de interesse, respeito e participação frente a elas e valorizando a diversidade (BRASIL, 1998, p. 154).

Faz-se necessário, portanto, que as instituições de Educação Infantil, propiciem às crianças um ambiente cultural organizado, com locais onde possam falar, brincar, ler, escrever, contar e ouvir histórias, ouvir e cantar músicas, desenhar, pintar, assistir vídeos, etc. Uma estrutura de funcionamento adequado, que viabilize experiências e situações planejadas, de modo a democratizar o acesso de todos, aos bens culturais e educacionais, que caracterizam o direito do indivíduo de viver melhor e ser feliz.

Enfim, prevendo momentos de atividades espontâneas e outras dirigidas, com objetivos claros, que aconteçam num ambiente crítico, reflexivo e que valorize a iniciativa infantil, contribuindo para a formação integral da criança.

CAPÍTULO II - CRIATIVIDADE E ARTE NO DESENVOLVIMENTO INFANTIL

2.1. A arte e a criatividade na prática pedagógica da educação infantil

Segundo Hildegard Feist (2002, p. 09), Arte é um produto da criatividade humana, que utilizando conhecimentos e técnicas e um estilo ou jeito todo pessoal, transmite uma experiência de vida ou uma visão de mundo, despertando emoção em quem a usufrui.

Historicamente, podemos dizer que a primeira forma de arte realizada pelo homem foi a pintura em cavernas, denominada de pinturas rupestres. Desde que começou a desenhar nas cavernas, o homem vem exercitando a sua capacidade de criar meios para representar a si e ao mundo que o cerca, percebe-se que a arte tem sido usada para materializar o desejo que o homem tem de comunicar, de registrar suas experiências para que sejam vislumbradas por outras pessoas, de lugares e tempos diferentes.

Com o desenvolvimento de meios e técnicas de comunicação, as representações das experiências do homem, se tornam mais abrangentes e complexas, ao mesmo tempo em que aproximam povos e tempos, confundem os limites que separam a realidade da ficção. Dessa forma, dos primeiros desenhos nas cavernas, até a realidade de nossos dias, o homem continua a exercitar a sua capacidade criativa, criando uma gama de signos, símbolos, mitos e supostas verdades, sobre as quais necessitamos estar atentos, com o intuito de investigar e usufruir dos elementos da história da arte. Com esta atitude, poderemos colaborar com o desenvolvimento da expressão espontânea e criativa do indivíduo.

Desde a pré-história, o homem produz formas visuais para fazer suas representações das experiências de vida e do mundo, através das modalidades das artes visuais, como o desenho, a pintura, a fotografia, a escultura, o vídeo, etc. Segundo Cunha (1999, p. 09),

Esta vontade, este impulso de designar o mundo de outra maneira acompanha a humanidade até nossos dias. Mesmo com todas as inovações tecnológicas a que temos acesso, não existe um substituto para a criação artística, assim como não há substituição para brincar e sorrir. Entretanto, a maioria dos adultos (nós, professores) se esqueceu desta linguagem tão rica e prazerosa que foi deixada para trás por volta dos 7 a 8 anos, quando saiu da escola infantil e passou para a escola que valoriza mais a linguagem verbal (escrita e falada).

Portanto, devemos possibilitar às crianças o contato com as produções artísticas e a História da Arte, procurando estabelecer o relacionamento de espectador com a produção artística, visando à formação do senso estético e a identificação da criança como produtora de arte.

A diversidade de contato com as manifestações artísticas de diferentes povos ou com expressão criadora dos artistas de diferentes tempos e lugares permite às crianças exercitarem suas capacidades cognitivas, sensitivas, afetivas e criativas organizadas por meio da aprendizagem artística. Ao mesmo tempo em que o seu corpo se movimenta e que adquire habilidades, o ouvido e a palavra se aprimoram, enquanto interage afetiva e socialmente com os trabalhos artísticos. Trabalhos que, refletem questões humanas fundamentais, querem de sonhos, medos, relacionamentos e inquietações dos artistas, querem dos momentos sociais e políticos por elas vividos.

Abrir espaços para se discutir valores costumes e crenças da época em que os trabalhos foram produzidos e oportunizar momentos de reflexão onde as crianças possam ampliar conhecimentos e dar novos significados aos mesmos, auxiliara na compreensão de mundo e, conseqüentemente, na sua inserção social.

[...] A educação unilateral, em que se dá a máxima importância à acumulação do saber tem descuidado de muitas coisas também importantes de que as crianças necessitam para se adaptarem, adequadamente, ao mundo. As manifestações artísticas, iniciadas nos primeiros anos de vida, podem significar para nossos filhos a diferença que existe entre indivíduos adaptados e felizes e outros que, apesar de toda a capacidade, continuam, às vezes, desequilibrados e encontram dificuldades em suas relações com o próprio ambiente. Para nossos filhos, a arte pode constituir o equilíbrio necessário entre o intelecto e as emoções. Pode torna-se como um apoio que procuram naturalmente – ainda que de modo inconsciente – cada vez que alguma coisa os aborrece; uma amiga à qual as crianças se dirigirão, quando as palavras se tornarem inadequadas (LOWENFELD, 1977, p. 19).

Dessa forma, quanto mais pudermos ajudar a criança a agir com espontaneidade, mas ela se expressará livremente e poderá ser feliz. Pois nesta fase da vida a criança não demonstra vergonha ao expressar seus gostos, sentimentos e necessidades.

Pode-se observar também, como as crianças dão significados corporais e expressam as diferenças sexuais nesta faixa etária, favorecendo a ampliação da aprendizagem incluindo as dimensões culturais, afetivas e sociais da sexualidade.

Destacamos que, é responsabilidade da escola dar espaços para formas originais e alternativas da expressão infantil. Bem como, criar novas maneiras de interação das crianças como os meios de comunicação social, com os quais estão em contato desde muito cedo. Através das imagens e dos sons presentes na TV, no rádio, nos cartazes, revistas e computador que as crianças estão em contato diariamente com informações e modelos de comportamento.

As atividades artísticas, bem direcionadas, estimulam o pensamento de forma independente e inventiva, proporcionando saudável convivência com trocas de percepções, ideias e soluções que desenvolve a criatividade, pois enquanto interage afetiva e socialmente com os

trabalhos artísticos, revelam questões humanas fundamentais, sonhos, medos e inquietações, proporcionando o desenvolvimento integral, incentivando sua autodeterminação.

É fundamental, portanto, colocar as crianças em contato com a História da Arte, a arte Dramática, a Mídia e a Cultura Popular, por meio de vídeos, arquivos de fotografias, enciclopédias, livros e etc., a partir de elementos tais como cor, forma, textura, estrutura, contorno, tempo, movimento, relações espaciais e dimensões, visando maior flexibilidade de pensamento, construção e ampliação de conceitos, desenvolvidos da observação da própria produção da criança e da leitura de obras de arte.

A arte, na sua característica intrínseca de nos colocar a frente ao inusitado e ao inesperado, abre espaços para a criação de situações onde podemos nos confrontar com exercício experimental da liberdade, com a humana capacidade de criar e inventar algo que vai além da realidade, ultrapassando-a. Essa ultrapassagem, que gera o espaço da criação, é realizada pela imaginação que, na ação de transportar nossa curiosidade até o desconhecido, é fonte de toda a inquirição filosófica, artística e científica (RICHTER, 2005, p. 21).

Acreditamos que a criança aprende melhor os conteúdos das artes visuais quando tem questões, ou seja, problemas a resolver. No entanto, para desenvolver seu percurso criador, não basta que ela resolva apenas questões artísticas praticas nas atividades de produção. É preciso também que se aproprie de conhecimentos proporcionados pelos reflexos que surgem a partir da observação e apreciação de imagens que já produziram e sobre aquelas feitas por outras crianças, artistas e povos de diferentes culturas. É ampliando o repertório de imagens de qualidade estética que julgamos de extrema importância para o ensino da Arte, as crianças poderão reconhecer a Arte, o artista na sociedade e identificar-se como possíveis produtores e apreciadores da arte.

Estudiosos como Vygotsky e Wallon apontam a importância das experiências no desenvolvimento criativo e social da criança, defendem que quanto maior e mais variada, for o contato cotidiano da criança com o mundo que a rodeia, observando e experimentando, diferentes texturas, movimentos, formas, luzes e cores presentes em meio natural e cultural, maiores e mais ricas serão suas possibilidades de representar e criar, ou seja, de se expressar com criatividade.

Desta forma, expressar e representar se constituem como duas facetas de um mesmo processo, ambas fundamentais para um desenvolvimento autônomo e criativo. É, portanto, importante que a escola se constitua como um espaço de construção de experiências expressivas e representativas, onde a criança possa falar, ouvir, representar e construir de acordo com as mais variadas linguagens.

O processo de criação do artista se inicia com a visão. Por meio do conhecimento e informações de imagens, a criança é levada a interpretar a “reler” o que apreciou,

inferindo aprendizagens e comunicando emoções, ideias [sic] e sentimentos nas suas produções (MATISSE, 1983, p. 14).

A arte é uma linguagem que dialoga com a mente emocional nos permitindo a liberdade de experimentar e canalizar positivamente sentimentos e emoções, integrando o saber e o agir com o sentir e o pensar, proporcionando uma vivência de diversas formas de manifestações artísticas enriquece e amplia, assim, a experiência e a visão de mundo, despertando curiosidade por novas informações, estimulando a imaginação para questionar o conhecimento e buscar o novo, reconhecendo pontos de vista e, construindo o próprio conhecimento.

2.2. As Artes Visuais na Educação Infantil

De acordo com o RCNEI (BRASIL, 1998), as Artes Visuais expressam, comunicam e atribuem sentido às sensações, sentimentos, pensamento e realidade por meio de organização de linhas, formas, ponto tanto bidimensional como tridimensional, além de volume, espaço, cor e luz na pintura e no desenho, na escultura, na gravura, na arquitetura, nos brinquedos, bordados, entalho, etc., o movimento, o equilíbrio, o ritmo, a harmonia, o contraste, e a continuidade, proximidade e semelhança são atributos da criação artística. A interação entre os aspectos sensíveis, afetivos, intuitivos estéticos e cognitivos, assim como a promoção de interação e comunicação social, conferem caráter significativo às artes visuais.

As artes visuais, segundo este documento estão presentes no cotidiano da vida infantil. Ao rabiscar e desenhar no chão, na areia e nos muros, ao utilizar materiais encontrados ao acaso (gravetos, pedras, carvão), ao pintar os objetos e até mesmo seu próprio corpo, a criança pode utilizar-se das artes visuais para expressar experiências sensíveis.

Tal como a música, as artes visuais são linguagens e, portanto, uma das formas importantes de expressão e comunicação humana o que, por sei só, justifica sua presença no contexto da educação, de um modo geral, e na educação infantil, particularmente.

As crianças têm suas próprias impressões, ideias e interpretações sobre a produção de arte e o fazer artístico. Tais construções são elaboradas a partir de suas experiências ao longo da vida, que envolvem a relação com a produção de arte com o mundo dos objetos e com seu próprio fazer. As crianças exploram, sentem, agem, refletem e elaboram sentidos de suas experiências. A partir daí constroem significações sobre como se faz, o que é, para que serve e sobre outros conhecimentos a respeito da arte.

Assim, a instituição deve organizar sua prática em torno da aprendizagem em arte, garantindo oportunidades para que as crianças sejam capazes de:

- ⇒ Ampliar o conhecimento de mundo que possuem, manipulando diferentes objetos e materiais, explorando suas características, propriedades e possibilidades de manuseio e entrando em contato de formas diversas de expressão artística;
- ⇒ Utilizar diversos materiais gráficos e plásticos sobre diferentes superfícies para ampliar suas possibilidades de expressão e comunicação;
- ⇒ Interessar-se pelas próprias produções, pelas de outras crianças e pelas diversas obras artísticas (regionais, nacionais ou internacionais) com as quais entram em contato, ampliando seu conhecimento do mundo e da cultura;
- ⇒ Produzir trabalhos de arte, utilizando a linguagem do desenho, da pintura, da modelagem, da colagem, da construção, desenvolvendo o gosto, o cuidado e o respeito pelo processo de produção e criação (BRASIL, 1998, p. 159).

Para que as crianças possam criar suas produções, é preciso que o professor ofereça oportunidades diversas para que elas se familiarizem com alguns procedimentos ligados aos materiais utilizados, aos diversos tipos de suporte e para que possam refletir sobre os resultados obtidos.

As marcas gráficas realizadas em diferentes superfícies, inclusive no próprio corpo, permitem a percepção das variadas possibilidades de impressão, proporcionando uma articulação entre as sensações corporais e as marcas gráficas, bem como registro gráfico que surge daí, fornecerá às crianças um maior conhecimento de si mesmas e poderá contribuir para as atividades de representação de própria imagem, dos sentimentos e de suas atividades corporais.

É importante identificar todos os tipos de leituras de imagens, e expressão de ideias através de diferentes linguagens, com as quais podemos ligar: a pintura, a escultura, o desenho, as pessoas, os gestos, a imaginação, os sentimentos etc. Estas leituras têm como maior objetivo de que as crianças possam ser observadores críticos, sensíveis e criativos.

Respeitar a especificidade do seu momento de vida infantil significa preservar seu modo poético de abarcar o vivido, sua maneira imediata e lúdica de enfrentar o mundo e a si mesmo. Implica considerar pedagogicamente o modo singular de cada criança com seu encontro com o mundo, maravilhando-se ou horrorizando-se, criando e inventando significados que ultrapassam o sentido único, no desafio de conhecer a si própria no ato de imaginar, interpretar e construir realidades. O modo poético é como a criança expressa seu jeito simultaneamente particular e universal de ser e estar no mundo, seu jeito de falar do mundo como uma maneira de falar de si (RICHTER, 2005, p. 32).

As histórias, as imagens significativas ou os fatos do cotidiano podem ampliar a possibilidade das crianças escolherem temas para trabalhar expressivamente. As intervenções educativas devem ser feitas com o objetivo de ampliar o repertório e a linguagem pessoal das crianças e enriquecer seus trabalhos. Os temas e as intervenções podem ser um recurso interessante desde que sejam observados seus objetivos e função no desenvolvimento do percurso de criação pessoal da criança. É preciso, no entanto, ter atenção quanto à

programação de atividades para favorecer também, aquelas originárias de suas próprias ideias ou geradas pelo contato com os mais diversos materiais.

Vale salientar que toda criança pode aprender Artes, pois fazer e apreciar Arte não é um dom que alguns poucos possuem, mais sim, algo que pode ser desenvolvido em função das experiências vividas e das relações estabelecidas ao longo da vida.

Os conteúdos da aprendizagem em artes poderão ser organizados de modo a permitir que, por um lado à criança utilize aquilo que já conhece e tem familiaridade, e, por outro, que possa estabelecer e construir novas relações, ampliando seu saber sobre os assuntos abordados, desde que a necessidade e o interesse sejam suscitados na situação de aprendizagem proposta. No que diz respeito às leituras das imagens, deve-se eleger materiais que contemplem a maior diversidade possível e que sejam significativas para as crianças. Faz-se necessário que, por meio da apreciação, as crianças reconheçam e estabeleçam relações com seu universo pessoal, podendo conter pessoas, animais, objetos específicos às culturas regionais, cenas familiares, cores, formas, linhas etc.

De acordo com o RCNEI (BRASIL, 1998, p. 162), os conteúdos da apreciação visuais para as crianças são:

- ⇒ Observação e identificação de imagens diversas.
- ⇒ Conhecimento da diversidade de produções artísticas como desenhos, pinturas, esculturas, construções, fotografias, colagens, ilustrações, cinema, etc.
- ⇒ Apreciação de suas produções e dos outros, por meio da observação e leitura de alguns dos elementos da linguagem plástica.
- ⇒ Observação dos elementos constituintes da linguagem visual: ponto, linha, forma, cor, volume, contraste, luz e textura.
- ⇒ Leitura de obras de arte através da observação, narração, descrição e interpretação de imagens e objetos.
- ⇒ Apreciação das Artes Visuais e estabelecimento de correlação com as experiências pessoais.

As crianças têm prazer em reconhecer certas figuras, identificando-as como personagens de uma história já conhecida, de um desenho e, até mesmo, de alguns filmes vistos na televisão. Então, a partir da visualização de certas imagens, o professor poderá trabalhar com essas personagens por meio de jogos simbólicos, fazendo pequenas dramatizações.

É essencial que o educador inclua atividades que concentrem basicamente na leitura das imagens produzidas pelas próprias crianças (desenhos, colagens, recortes, objetos tridimensionais, pinturas, entre outras). Permitir que elas falem sobre suas criações e escutem as observações dos colegas sobre seus trabalhos é um espaço fundamental do trabalho em

artes. É assim que eles poderão reformular suas ideias, construindo novos conhecimentos a partir das observações feitas, bem como desenvolver o contato social com os outros.

Tendo clareza do seu projeto de trabalho, o professor poderá imprimir maior qualidade à sua ação educativa ao garantir que a criança possa compreender e conhecer a diversidade da produção artística na medida em que estabelece contato com as imagens das artes nos diversos meios, como livros de arte, revista, visitas às exposições, contato com artistas, filmes, etc. Lembramos ainda que existe a possibilidade do uso de diferentes materiais pelas crianças, fazendo com que estes sejam percebidos em suas diversidades, manipulados e transformados. Os pontos de vista de cada criança também devem ser respeitados, estimulando e desenvolvendo suas leituras singulares e produções individuais, assim como as trocas de experiências entre as crianças que acontecem nos momentos de conversa e de reflexão sobre os trabalhos, elaborando conjuntos e atividades de grupo. Salientamos que o prazer lúdico deverá ser o gerador do processo de produção, assim a arte será compreendida como linguagem que constrói objetos plenos de sentido. E por último, a valorização da ação artística e o respeito pela diversidade dessa produção sejam elementos sempre presentes.

De acordo com o exposto, podemos entender que nas leituras grupais, as crianças elaboram não somente os conteúdos comentados, mas estabelecem uma experiência de contato e diálogo com as outras crianças, desenvolvendo o respeito, a tolerância, a diversidade de interpretação ou atribuição de sentidos às imagens, a admiração e dando uma contribuição às produções realizadas, por intermédio de uma prática de solidariedade e inclusão. É nessa interação ativa que acontecem simultaneamente à observação, a apreciação, a verbalização e a resignificação das produções. Nessas situações, novamente a imaginação, a ação, a sensibilidade, a percepção, o pensamento e a cognição são reativados.

Acreditamos que ao trazermos todas essas reflexões sobre Arte/Educação, que cada vez mais precisamos, mesmo fora dos limites urbanos, estarmos dialogando com o nosso tempo, e é preciso, que este diálogo chegue às nossas salas de aula, para que nossas crianças se preparem para participar de forma autônoma e consciente, deste diálogo com seu tempo. É preciso mais, é preciso ir além do diálogo, é preciso que nossas crianças vivenciem, na escola, experiências criativas com as diversas linguagens, para que possamos construir com elas uma relação crítica, e não passiva.

Assim, decompondo e recompondo imagens, conhecendo os elementos que constituem uma fotografia, um filme ou um programa de televisão discutindo os conceitos que estão por trás de uma campanha política ou publicitária, nossas crianças estarão conhecendo o outro lado de um

sistema de símbolos que, muitas vezes, é percebido com, o único possível verdadeiro, mas que, na realidade não passa de uma construção influenciada por circunstâncias históricas, sociais, políticas e econômicas. É preciso, portanto saber ler de forma sensível e inteligente estas mensagens, saber interpretar, de forma autônoma aquilo que realmente nos interessa em meio a essa todas essas informações. Afinal, nem tudo no universo simbólico merece ser visto com desconfiança. Ao contrário, através de toda sua História, o homem se serviu de fantasia, da imaginação, da simbologia, para aproximar realidade e sonho, sempre que possível.

2.3. O Desenho como forma de Expressão da Criança

Descobrir e explorar o que pode ser feito com os diversos materiais e técnicas proporciona sensibilidade e familiaridade aos usos e formas de manuseios e seus resultados. Dentro do processo criativo, a criança mostra como pensa, sente e vê o mundo, atribuindo-lhe novos significados.

Existe a necessidade de ampliar qualitativamente na escola infantil as oportunidades jurídicas que envolvem a criação de objetos e símbolos através de diferentes experiências expressivas. Isto porque este momento de vida, da criança de 2 a 7 anos, é caracterizado fundamentalmente pelo pensamento simbólico, é neste momento de vida, e não em outro, que ocorrem todas as gêneses simbólicas que nos permitirão dialogar com o mundo, com os outros e conosco mesmos (CUNHA, 1999, p. 40).

Portanto, ao professor, cabe a competência de planejar e fazer escolhas do que as crianças irão apreciar mediando a “forma de olhar” e fornecer apoio técnico para que haja persistência e continuidade frente ao trabalho. Além disso, deve sugerir procedimentos que ajudem à criança a se organizar para adquirir autonomia e a criar soluções no processo de criação e expressão que permitam intensificar experiências significativas de aprendizagem e construção de conhecimentos.

No momento em que a criança desenha, pinta, modela, entre outras atividades, expressa as suas reações ao ambiente, o que importa nesse momento é o processo da criança, ou seja, os seus sentimentos, suas percepções e seu pensamento. A atividade artística tem para a criança o sentido do jogo em que a ação em si é mais significativa que o resultado final da sua produção.

Quando a criança tem liberdade de expressar-se artisticamente, o professor tem um campo aberto para compreender melhor seu comportamento. Porque, ao ser estimulada na sua criatividade, ela passa a ter possibilidades de se encontrar com formas pessoais de expressão, com fracassos e com a retomada do conhecimento do seu potencial, isso ajuda a melhorar a motivação e o interesse pelo aprender (CUNHA, 1999, p. 42).

Nos desenhos feitos por crianças podemos investigar aspectos relevantes do comportamento infantil. Podemos citar como exemplo as diversas formas que ela desenha a figura humana (Figuras 1, 2, 3, 4), pois em alguns casos, como: a omissão de mãos em desenhos e figuras humanas, alerta para problemas nas relações interpessoais; a inexistência dos pés aponta para a insegurança e sentimentos de ameaça; mãos e pés são pontos avançados do corpo, que simbolizam as condições necessárias para enfrentar o mundo e a vida; já a dificuldade de desenhá-los, com mais definição, pode indicar medo de crescer e de lutar pela conquista do espaço no mundo. Esses exemplos citados são, segundo a Psicologia, apenas indicadores que merecem ser reverenciados juntamente com as demais características do comportamento individual, quando se analisa desenhos infantis.



Figura 1 - Figuras humanas



Figura 2 - Figuras humanas



Figura 3 - Autorretrato, primeira fase



Figura 4 - Autorretrato, segunda fase

A criança, em seu processo de aprendizagem, constrói um caminho repleto de possibilidades criativas que terão como resultado, a sua formação enquanto cidadão consciente, crítico, reflexivo e atuante dentro da sociedade.

O estudo das Artes Visuais está presente nesse processo de aprendizagem, onde o fazer artístico infantil, deverá se estimulado para que aconteça a descoberta e o reconhecimento de si próprio, interagindo em um mundo cheio de símbolos, que a ajudarão na produção das ações gráficas.

No primeiro ano de vida, a criança produz seus primeiros traços gráficos, que representam movimentos e, não necessariamente, representações do mundo. É uma atividade permeada de prazer e descobertas, onde ela usa todo o corpo para desenhar e representar os seus sentimentos, sonhos, desejos e etc.

Nesse momento, de acordo com Cunha (2005, p. 21): “[...] Os educadores devem incentivar as possibilidades de ação sobre os materiais, pois, neste momento o processo de conhecimento material é fundamental para crianças e não um produto final”.

A garatuja é um primeiro momento que surge, produzida pela criança para representar uma ação sobre uma superfície que é feita com prazer. Esse traçado irá ajudá-la a perceber que os seus gestos podem produzir representações, permitindo que reconheça os seus registros. As primeiras garatujas são linhas longitudinais e, com o passar do tempo, elas vão se tornando circulares e independentes, como está exposto na Figura 5.



Figura 5 - Garatuja

Nesse período a criança precisa explorar os movimentos corporais, os mais diversos tipos de matérias e suportes, além do que, deve se posicionar e se apropriar de todo o espaço para poder movimentar-se e se expressa com liberdade, ela passa a preencher as superfícies aonde se expressa com formas diferentes de desenhos, tais como: linhas, pontos, células, etc. É um momento de descoberta, pois ela constata que toda ação sobre os materiais registro individuais são feitos, ou seja, o olhar e fazer acontece de forma mais controlada corporalmente e simultânea.

Após o aparecimento dos emaranhados separa dos separados, dos diagramas, dos círculos e outras formas derivadas, surge uma estrutura semelhante e um sol, entretanto, esta estrutura circular com filamentos não é a representação do Sol. [...] o círculo com filamentos é uma nova conquista estrutural/formal decorrente das anteriores. A criança ainda não está buscando uma representação explícita (CUNHA, 2005, p. 27).

Estes momentos do ato artístico são marcados por muitas transformações formais e de noções topológicas, que precisam ser enfatizadas com respeito pelos educadores, pois a criança precisa organizar os seus próprios conhecimentos, até porque, os filamentos adicionados aos desenhos, servem para o surgimento de novas formas e também do uso das cores. A criança sai dos rabiscos e da garatuja e inicia um período simbólico, conforme se verifica na figura 6, onde as figuras pessoas/polvos aparecem para representar suas experiências sobre o mundo real e imaginário.

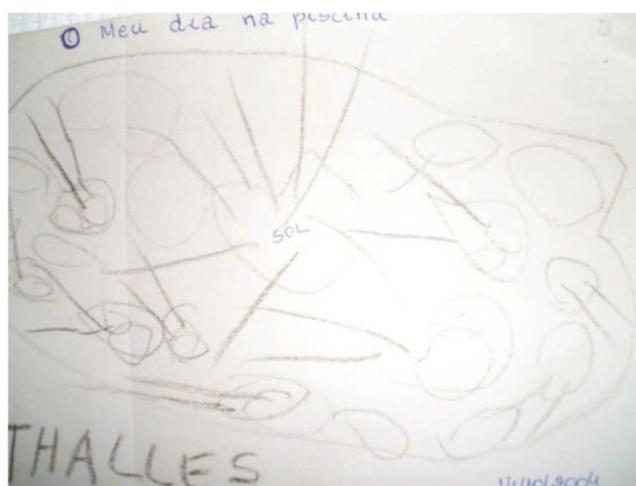


Figura 6 - Um dia na piscina – período simbólico.

A criança durante o processo evolutivo da garatuja para o desenho de formas mais elaboradas, demonstra a intenção de reproduzir e elaborar imagens, respeitando limites. Nesse

momento, já é capaz de desenhar um ser humano reconhecível, de acordo com sua consciência corporal, incorporando detalhes como: nariz, boca, roupas, pés, pernas, etc., e a distribuição dos desenhos no papel demonstram certa lógica, por exemplo: o céu aparece no alto da folha, também, percebemos a tendência a antropomorfização, a qual a criança expressa características humanas a elementos da natureza, como o Sol com olhos e boca.

A partir, desta etapa, os desenhos passam a ser baseados em roteiros com começo, meio e fim. As figuras humanas aparecem vestidas e a criança dá atenção a detalhes com as cores (Figura 7). Os temas variam e o fato de não terem nada a ver com a vida dela são um indício de desprendimento e capacidade de contar histórias sobre o mundo. O realismo marca esse momento da criatividade infantil, onde surge a noção de perspectiva, os desenhos já dão uma impressão de profundidade e distância.



Figura 7 - Desenho para um amigo – período simbólico

É assim que, por meio do desenho, a criança cria e recria individualmente formas expressivas, integrando percepção, imaginação, reflexão e sensibilidade, que podem então, ser apropriadas pelas leituras simbólicas de outras crianças e adultos. (BRASIL, 1998, p. 93).

A evolução do desenho infantil é similar e o importante é aprendermos a respeitar os ritmos de cada criança para permitir que ela possa produzir seus desenhos com liberdade, explorando diversos materiais, suportes e situações.

Vale ressaltar, que essas observações sobre o desenho infantil não podem servir como base para julgamentos estereotipados sobre o grafismo infantil, mas para o conhecimento e entendimento do que estão produzindo e expressando.

No ensino das artes, o professor deve mediar sem inferir valores e desejos próprios, permitindo que a criança desenvolva a sua criatividade a partir de observações diversas de cenas, objetos, pessoas e nutra-se de informações que engrandecem o seu grafismo e construa novos conhecimentos necessários para a sua vida, enquanto ser social.

O professor na sua prática levanta hipóteses sobre a observação do desenho da criança, ele poderá iniciar um processo de ajuda. Portanto, não cabe valorizar apenas o traço das imagens representadas, mas sim, compreender e avaliar o significado do traçado para a criança; aquilo que ela quis expressar.

O Momento de conquistas de ações através de linguagens é muito para o desenvolvimento infantil. Huizinga (1971, p. 07), afirma que:

Na criação da fala e da linguagem, brincando com essa maravilhosa faculdade de designar, é como se o espírito estivesse constantemente saltando entre a matéria e as coisas pensadas. Por detrás de toda a expressão abstrata se oculta uma metáfora, e toda metáfora é um jogo de palavras. Assim, ao dá expressão a vida, o homem cria um outro mundo, um mundo poético, ao lado do da natureza.

A criança só inicia o desenho de formas propriamente ditas, no momento em que possui a linguagem codificada desenvolvida, dessa forma, quando a criança se põe a desenhar, ela está externando o conteúdo de seu pensamento, sendo que esta ação é designada pela língua. Todo desenho feito corresponde a uma historia contada por ela, cuja narração acontece ao mesmo tempo em que o ato de desenhar se dá.

O desenho é uma linguagem gráfica que surge tendo por base a linguagem verbal. Nesse sentido, os esquemas que caracterizam os primeiros desenhos infantis lembram conceitos verbais que comunicam somente os aspectos essenciais dos objetos (VYGOTSKY, 1989, p. 127).

Ao considerarmos estas questões, na Educação Infantil, o desenho ganha um significado diferente do simples ato de colorir ou reproduzir uma figura previamente definida e desenhada pelo professor. A criança deve fazer seus próprios desenhos, e o professor deve possibilitar-lhe a possibilidade de refletir e compreender que através do desenho ela poderá expressar algo, tal como poderia expressar ao utilizar-se da fala.

Dentre as formas de expressão dos conteúdos internos, o desenho aparece como uma das mais rica e eficiente atividade artística. Através dele, a criança manifesta não apenas aspectos conscientes de sua criatividade, mas também, conteúdos inconscientes. Compreender o sentido do desenho é ter acesso ao que a criança não quer ou não pode dizer diretamente. Dessa forma, o desenho possibilita a aproximação do que é subjetivo como o mundo real da criança. O desenho representa, portanto, uma forma rica de expressão, com a

vantagem de ser uma atividade de caráter lúdico, através da qual a criança produz prazer para si mesma, revelando, simultaneamente, suas fantasias, emoções e desejos pessoais.

Neste sentido, o professor deve entender o significado do desenho infantil, acompanhando o desenvolvimento da criança nas áreas importantes de seu amadurecimento pessoal, pois, quando ela faz uso de materiais diversos como: papel, lápis tinta e disposição para o desenho, possibilitam momentos reflexivos e criativos. Nesses momentos o professor acompanha e participa, buscando a compreensão do processo para poder ajudar a criança no seu processo de construção de conhecimentos.

No entanto, vale ressaltar, que o professor deve buscar sempre aprofundar os seus conhecimentos, fazendo leituras e se informando. Essa atitude o ajudará a compreender melhor determinadas dificuldades que a criança apresenta durante o seu processo de construção e ampliação de conhecimento e criação, e auxiliará, também, na maneira como irá lidar com ela dentro de um clima de respeito, paciência, eficiência, criatividade e prazer em fazer e ser.

É preciso considerar diante de uma criança que desenho é aquilo que ela pretende fazer, contar-nos uma história e nada melhor que uma história, mas devemos também reconhecer nesta intenção, os múltiplos cominhos de que ela se serve para exprimir aos outros a marcha dos seus desejos, de seus conflitos e receios (MOREIRA, 1999, p. 20).

Para a criança o desenho é uma linguagem como gesto ou fala. No entanto, não se pode exigir do educador que ele seja um especialista na interpretação do desenho infantil e que saiba tudo. Porém, a sua formação profissional exige que ele busque a ajuda de instrumentos afins à sua área de trabalho para que possa desenvolver uma prática educativa pautada no reconhecimento e respeito às necessidades da comunidade assistida.

Certamente, devemos ficar atentos para o que significa, por exemplo, uma criança que com alguma frequência repete os mesmos temas, ou quando apresentam desenhos com características ou detalhes fora do esperado, como aqueles construídos com traços interrompidos ou com sistemática ausência de partes que completariam a figura representada. Enfim, o desenho é uma produção altamente expressiva, que tem importância tanto pelo que comunica objetivamente, como também por aquilo que omite. Faz-se necessário, portanto, que o professor tenha sempre um olhar crítico e reflexivo sobre a sua prática educativa, buscando sempre meios que o ajudem a melhorá-la.

METODOLOGIA

- **Caracterização**

A pesquisa foi realizada na Creche Municipal Zeferina Gaudêncio, localizada à Rua João Pequeno S/N, no Bairro do Catolé, na Cidade de Campina Grande – PB.

A referida creche funciona em horário integral, sendo que, só as duas turmas de crianças compreendendo a faixa etária de 2 a 3 anos (Maternais I e II), permanece os dois horários. A Pré-Escola funciona com duas turmas à tarde (Pré I e Pré II), compreendendo a faixa etária de 4 a 5 anos e 6 meses.

Para atender a essas crianças, a instituição conta com um quadro profissional de dez professoras de Educação Infantil; pessoal de apoio: duas cozinheiras, duas auxiliares de cozinha, três vigias e sete auxiliares de serviços gerais; equipe técnica: composta de uma supervisora, uma gestora e duas secretárias.

- **Sujeitos**

Para realização deste trabalho foram utilizados como sujeitos 05 professores de Educação Infantil.

- **Coleta de Dados**

O instrumento usado para realização da pesquisa de campo foi um questionário subjetivo, contendo perguntas relacionadas ao tema.

A pretensão foi a de coletar informações que possam dar diagnóstico sobre a visão do educador no que se refere ao ensino das artes visuais na Educação Infantil.

- **Análise dos dados**

Os dados coletados foram analisados por meio de uma perspectiva qualitativa de trabalho e das práticas pedagógicas. Tendo como referência as atividades em artes visuais foi possível perceber, através dos dados coletados, a compreensão dos educadores de educação infantil a respeito da arte visual nas turmas de Creche e Pré-Escola.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Esta pesquisa teve por finalidades analisar o desenvolvimento infantil a partir das artes visuais. Os resultados foram discutidos à luz dos trabalhos referenciados na literatura consultada e que serviram de base para a realização da pesquisa. A seguir as análises e discussões da pesquisa de campo são apresentadas em tabelas.

Tabela 1 - Importância das diversas formas artísticas para o desenvolvimento infantil de acordo com a opinião dos professores entrevistados da Creche Municipal Zeferina Gaudêncio, Campina Grande/PB

Professor	Respostas
1	“Através das diversas formas artísticas a criança consegue desenvolver suas habilidades psicomotora, interagindo em seu meio.”
2	“A utilização das diversas formas artísticas tem importância no desenvolvimento infantil porque oportunizará as crianças a se estressarem através das experiências que elas tiverem como: música, dança, pintura, desenho, etc. E, essas experiências são essenciais para que a criança se desenvolva com relação a vários aspectos da educação infantil.”
3	“É de fundamental importância por permitir as descobertas.”
4	“Acrescenta e desenvolve criatividade e prazer.”
5	“É importante porque a criança irá expressar seus sentimentos, emoções e conhecimentos.”

Na Tabela 1, identificamos que os professores sujeitos da pesquisa responderam que é importante a utilização das formas artísticas para o desenvolvimento infantil. Percebemos também, que na maioria das respostas que foram dadas, os professores, mesmo apresentando uma boa formação acadêmica, não expressaram de forma clara, a importância das atividades artísticas no desenvolvimento infantil. Verificamos este fato, por exemplo, com a resposta dada pelo professor 4: “Acrescenta e desenvolve criatividade e prazer”. Só o professor 5, lembrou que a arte ajuda o ser humano a expressar sentimentos, emoções e conhecimentos, experiências importantes para a formação do cidadão criativo e feliz. De acordo com o RCNEI (BRASIL, 1998, p. 51), percebemos o desenvolvimento integral das crianças quando fazem uso da arte: “Sabemos que a criança quando trabalha criativamente, utiliza e aperfeiçoa processos que a ajudam a desenvolver a percepção, a imaginação, a observação, o raciocínio, o controle gestual, ou seja, no processo de criação ela forma a sua personalidade”.

Tabela 2 - Conhecimento sobre o Ensino das Artes Visuais no Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil dos professores entrevistados da Creche Municipal Zeferina Gaudêncio, Campina Grande/PB

Professor	Respostas
1	Não respondeu.
2	“Sim, porque eu tento de acordo com o que eu consigo trazer de material concreto, alcançar os objetivos propostos pelo RCNEI para crianças de 4 anos, que é a minha realidade.”
3	“Sim, acredito que apesar de termos consciência das diferenças individuais, como também sociais, o RCNEI traz uma proposta que, de certa forma, corresponde a princípio, o atendimento das necessidades.”
4	“Conheço em parte, mas passo dizer com segurança que nossas crianças são contempladas sim.”
5	“Sim, favorece a pintura, colagem, desenhos, etc., a partir do seu próprio conhecimento de mundo”.

Na Tabela 2 observamos que, apesar dos professores considerarem que o trabalho com Artes Visuais nesse nível de ensino é importante, ainda sentem dificuldades quanto ao conhecimento e a aplicabilidade dele. Apenas o professor 1 não respondeu a questão, e confidenciou que não se sentia preparada para responder, pois mesmo já tendo ouvido falar, não conhecia a proposta do RCNEI em sua íntegra. Neste sentido percebemos que o ensino da arte na Educação Infantil tem exigido do educador uma postura mais sensível, e comprometida com o respeito às diferenças de cada faixa etária e, também com o nível de desenvolvimento das crianças. Faz-se necessário, portanto, que o professor tenha clareza sobre as técnicas e atividades veiculadas em propostas como a do RCNEI, pois a falta de conhecimento nesse sentido inviabiliza uma prática educativa que proporcione ao educando momentos de construção do conhecimento reflexivo, e de expressão ampliada da criatividade humana.

O trabalho com as Artes Visuais na Educação Infantil requer profunda atenção no que se refere ao respeito das peculiaridades e esquemas de conhecimento próprio a cada faixa etária e nível de desenvolvimento (RCNEI, BRASIL, 1998, p. 52).

Dessa forma, aspectos como o pensamento, a sensibilidade, a percepção e a cognição da criança precisam ser trabalhados de modo integrado, favorecendo ao seu desenvolvimento como um todo, estimulando sua capacidade criativa.

Tabela 3 - Formas artísticas utilizadas no cotidiano da sala de aula pelos professores entrevistados da Creche Municipal Zeferina Gaudêncio, Campina Grande/PB

Professor	Respostas
1	“Costumamos usar a dança, o canto, a pintura, a história e a modelagem.”
2	“Colagens, desenhos, modelagem, instrumentos, etc., tudo na medida do possível (de acordo com as nossas necessidades).”
3	“As múltiplas formas se dão em algumas situações pela presença de material adequado e, em outras, pela sensibilidade do educador em “permitir” a liberdade da criança em busca das descobertas.”
4	“Pintura, modelagem, desenho, música, mímica, dramatização, etc.”
5	“Canto, dança, pintura livre, história.”

Ao analisarmos a Tabela 3, constatamos que os professores 1, 2, 4 e 5 enumeraram uma sequência de formas artísticas que elas utilizam em sala de aula, porém não contextualizaram de forma significativa o porquê da escolha de tais formas para favorecer o desenvolvimento infantil de forma integrada.

Acreditamos, portanto, que a arte é a linguagem que as crianças usam para expressar sentimentos, emoções e ampliar a sua criatividade, sendo assim Kramer (1987, p. 27) afirma que:

As atividades e situações propostas têm, portanto, o objetivo último de favorecer a exploração, a descoberta e a construção de noções, ou seja, o desenvolvimento e o maior conhecimento do mundo físico e social - eixos básicos da função pedagógica da Educação Infantil.

Neste sentido, através das diversas modalidades das artes a criança desenvolve-se em vários aspectos integralmente. Contudo, os educadores precisam compreender que necessitam ter domínio artístico específico, onde ao identificar-se com uma linguagem e exercitar a sua expressão, poderá ser um educador dinamizador e poderá construir, junto às crianças, espaços onde acontecerão trocas de experiências significativas para o desempenho das habilidades de expressão criativa.

Tabela 4 – Principais dificuldades na aplicação do ensino das Artes Visuais na Educação Infantil relatadas pelos professores entrevistados da Creche Municipal Zeferina Gaudêncio, Campina Grande/PB

Professor	Respostas
1	“Falta material para realizarmos um bom trabalho.”
2	“Acredito que seja a diversidade de técnicas que o professor precisa conhecer para aplicar com suas crianças, levando em consideração a faixa etária e como fazer.”
3	“A ausência desse assunto na formação acadêmica, a falta de acompanhamento sistemático, como também, a inexistência de material”.
4	“Às vezes a falta de recurso material”
5	“Material, espaço adequado e ambiente favorável ao estímulo e realização das atividades.”

Na Tabela 4, de acordo com as respostas das professoras, fica clara a preocupação em realizar um trabalho em Artes visuais tendo como suporte, recursos materiais diversos que possam auxiliar criança a desenvolver a criatividade de forma estimulante e ampliada.

Percebemos nas práticas das educadoras, que as mesmas investem financeiramente. Para poder ter em suas salas materiais que utilizam na realização de atividades que possam expressar a criatividade infantil. Procuram, assim, disponibilizar em cantos das salas, material sucata, jogos, livros, papéis, giz, colas (branca e colorida) e etc., para que ocorra o incentivo a produção artística e a contribuição para a formação do homem dinâmico, criativo e feliz.

Se o professor incentivar a expressão criadora de seus alunos pelo emprego constante de materiais simples e tiver o cuidado de não estabelecer limites superiores às suas possibilidades e não serem capazes de destruir o seu desejo pessoal de criação, a educação pela arte produzirá seus frutos (SOUZA, 1970, p. 36).

De acordo com o autor, a arte é um trabalho educativo importante para a formação da personalidade da criança, pois estimula o seu desenvolvimento integral. A preocupação, nesse momento, não é a formação de artistas, mas o aprimoramento de habilidades artísticas que auxiliem na construção, de sujeitos autônomos e sensíveis, como consequência indireta da linguagem da leitura e da escrita.

Nas respostas dos professores 2 e 3, percebemos que ainda não tem bem definido o que ensinar nessa etapa da educação, e enfatizam a necessidade de se ter um preparo para construir um domínio dos conhecimentos científicos básicos e necessários para o trabalho com as crianças pequenas. Verificamos esse fato, por exemplo, com a resposta do professor 3:

A ausência desse assunto na formação acadêmica, a falha de acompanhamento sistemático, como também, a inexistência de material.

Essa preocupação, de não ter uma formação sobre história e o ensino das artes em sua formação profissional, está muito presente entre as professores de Educação Infantil, pois consideram que esta etapa da vida humana é fundamental para o processo de construção de conhecimentos que contribuem para a atuação crítica reflexiva e ativa dentro da sociedade, individualmente e/ou coletivamente, de modo a ser responsável pela construção histórica e cultural da humanidade.

Durante o processo criativo e o de construção, dependendo da postura do educador, este provocará transformações estéticas, cognitivas e sociais, pessoal e coletiva, por meio da arte, que resultarão na construção de pessoas valorizadas criativas, críticas, reflexivas e felizes.

[...] a arte melhora a qualidade de vida das pessoas, individualmente e até coletivamente, quando consegue, com sua força e sua verdade, modificar o mundo em que vivemos- ou pelo menos apontar alguns caminhos para que nossos desacertos diminuam e nossos acertos se multipliquem (FEIST, 2002, p. 91).

Tabela 5 – Presença e formas de estímulo a criança para participar das atividades artísticas visuais relatadas pelos professores entrevistados da Creche Municipal Zeferina Gaudêncio, Campina Grande/PB

Professor	Respostas
1	“Com incentivo, estímulos usando a criatividade”.
2	“Claro, sempre dando importância ao que vamos fazer, dizendo com entusiasmo o que iremos fazer e, se colocando no lugar deles, fazendo também.”.
3	“Sim, tornando-as atrativas na medida do possível”.
4	“Através da brincadeira e do estímulo em ver o colega ou o educador realizando”.
5	“Através da música, da história, das cores, da dança, do som, etc.”.

Na Tabela 5, percebemos a preocupação das educadoras em trabalhar artes estimulando a criatividade infantil, através das diversas modalidades: artes visuais, música, teatro, dança, etc. As intervenções educativas realizadas pelo professor podem ser interessantes e enriquecedoras se observarem os objetivos e as funções no desenvolvimento da produção pessoal da criança.

Através das artes é possível desenvolver a percepção e a imaginação, aprender a realidade do meio ambiente, desenvolver a capacidade crítica, permitindo analisar a realidade percebida e desenvolver a criatividade de maneira a mudar a realidade que foi analisada (BARBOSA, 1998, p. 16).

Constatamos, na pesquisa de campo um indicador bastante positivo na relação professor/aluno, quando nas respostas dos professores 2 e 4, mencionam a necessidade do fazer as atividades juntos, onde o professor não é apenas o transmissor e sim, um companheiro de produção. É o reconhecimento de que o processo ensino / aprendizagem não é estático, e sim, uma relação de cumplicidade em que, tanto o professor quanto aluno aprendem e ensinam, para construir durante o processo de produção o relacionamento como pessoas, igualmente importantes e responsáveis pelo processo do desenvolvimento integral do ser humano. A perspectiva afetiva é vivenciada, e a criança poderá perceber que é um ser único e especial, porém compreenderá que fazer parte de grupos que podem auxiliá-la na atuação social como um ser transformador, produtivo e criativo.

A existência dos meios reais pode ser duplicada, para a criança, por julgamentos de valor ou por aspirações imaginativas, no decorrer dos quais ela opõe a situação do outro a seu próprio destino. Os meios em que vive e aqueles com os quais sonha são a forma que deixa nela sua marca. Não se trata de uma marca recebida passivamente. (WALLON, 1979, p. 171).

Dessa forma, participar e compreender que o processo do desenvolvimento infantil inclui necessidades e diferenças que precisam ser vivenciadas oportuniza ao educador uma

ampliação de informações que o ajudarão a melhorar a sua prática educativa, ao mesmo tempo, em que, o engrandece enquanto ser humano.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve como tema central: As Artes Visuais: um espaço de Criatividade e Desenvolvimento Infantil. Teve como objetivo principal: Analisar as Propostas Pedagógicas na Área das Artes Visuais do RCNEI (BRASIL, 1998), a partir da ótica dos educadores e da importância do ensino das artes para o desenvolvimento da criatividade expressiva das crianças na Educação Infantil.

Ao chegarmos ao final do estudo, percebemos que existe uma grande deficiência de conhecimento sobre o assunto analisado. Ficou claro em nosso estudo que as dificuldades encontradas para se vivenciar e realizar uma proposta curricular sobre o ensino da Arte encontra-se subsidiada de modo geral, pela formação acadêmica dos educadores, que não oferece suporte teórico e técnico suficiente, deixando lacunas difíceis de preencher no cotidiano da Educação Infantil onde a Arte se apresenta como a forma de expressão das suas experiências, resultantes da sua visão de mundo. Por outro lado, o educador, no campo de atuação profissional, tem que lidar com a falta de recursos financeiros e materiais que tornam o seu cotidiano escolar numa luta constante em buscar de formas que o ajudem a atuar com responsabilidade. É neste contexto perturbador que ele encontra a criança esta aberta para aprender, criar, se expressar e viver.

Enfatizamos que toda criança enquanto faz os seus rabiscos ou desenha nas diversas superfícies, não deixa apenas impressões, mas registra o seu desenvolvimento emocional, perceptivo, criativo e intelectual. Nesta fase do desenvolvimento infantil, a criança está totalmente disponível para explorar o meio em que vive, e a curiosidade vai levá-la a experimentações, onde o sentir, o ver e o tocar, mediarão à compreensão, a apropriação e a construção de conhecimentos.

A Educação Infantil, portanto, é um período propício para descobertas, brincadeiras, socializações e aprendizagens e, o ensino das artes tem conquistado mais espaços dentro desse universo, porém, ainda são poucos os professores que conseguem utilizar os recursos artísticos como um instrumento de aprendizagem significativa, enfatizando os aspectos culturais e sociais, assim este trabalho contribui para a compreensão do ensino das artes, principalmente nessa fase escolar, pois a infância é um período em que a criança aprende de forma lúdica, pelo prazer em fazer descobertas, experimentando e vivenciando fatos do

mundo que a ajudam no desenvolvimento da capacidade crítica e criativa, importantes características dessa fase.

Foi no confronto entre as concepções pedagógicas e as práticas cotidianas que evidenciamos as lacunas na formação do professor, que procura trabalhar a arte por considerar importante, mas ainda usa atividades estereotipadas que atendem a interesses imediatos como: colorir desenhos mimeografados, fazer desenhos com inferências diretas do professor, confeccionar objetos indicados pelo educador, fazer colagens e etc. Vale salientar, que alguns professores, como os que participaram da pesquisa, conseguem fugir dessa realidade, proporcionando para as crianças momentos de criação espontânea, com liberdade para expressar a sua criatividade, porém apresentam dificuldades.

Analisamos o papel que a arte ocupa na rotina escolar, as concepções dos educadores envolvidos e a sua formação, quais as teorias e as metodologias que podem subsidiar a prática educativa. As instituições educacionais, principalmente as de Educação Infantil, precisam colocar as crianças em contato com a História da Arte, com a cultura popular, utilizando os recursos necessários, como: vídeos, arquivos de fotografias, livros, teatro, exposições de arte, entre outros.

A arte é uma linguagem que dialoga e exercita a mente emocional, e quando acontece a contemplação das obras de arte, seja ela uma peça teatral, um quadro, um filme, um poema, entre outros, estas despertam sentimentos e emoções que auxiliam a criança no seu processo criativo, deixando-a livre para exprimir o que se sente, colocar para fora o que sentem e pensam. Para tanto, precisa observar e/ou experimentar o material sugerido e, ter o tempo que necessita e um educador preparado, como mediador dessa atividade para poder construir os seus conhecimentos. Vale salientar, que as propostas de atividades devem considerar a faixa etária e as características sócio-culturais das crianças, porém oferecendo sempre o melhor para que elas possam desenvolver plenamente suas capacidades de expressão e comunicação.

Apreciar e vivenciar as mais diversas formas de expressões artísticas faz com que as crianças percebam que elas mudam de cultura para cultura, de época para época. Essa experiência faz com que elas percebam que há várias maneiras possíveis e válidas de se representar o que vemos e sentimos, e assim, serão capazes de inventar, construir e transformar as realidades das quais participa. Perceberão que no universo das artes, não existem limites para a capacidade criativa do homem e se sentirão livres para sonhar, criar e transformar a sua realidade individual e, conseqüentemente, coletiva.

Partindo desse pressuposto, a Educação Infantil só terá cumprido com os seus objetivos, a partir do momento em que o seu currículo contemple atividades que atendam aos

interesses imediatos, mas que também, enfatize aspectos culturais e sociais, principalmente por intermédio do ensino da Arte. Até porque a Educação é um processo contínuo onde nunca paramos de aprender e de ensinar, a qual todos somos responsáveis pela aprendizagem de vida, de mundo e de conhecimentos que podem mudar toda a história da humanidade.

REFERÊNCIAS

ARIÈS, Philippe. **História social da criança de família**. Tradução de Dora Flaksman. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

BARBOSA, Ana Mae Tavares Bastos. **Tópicos utópicos**. Belo Horizonte: C/Arte, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. **Legislação e normas da educação pré-escolar**. Brasília, DF: MEC/SE, 1979.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado, 1988.

_____. Ministério da Educação e Cultura. Lei n. 9.394 de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. **Diário Oficial da União**. Brasília, DF. Seção 1, 23 dez., 1996.

_____. Ministério da Educação e Cultura. **Parâmetros Curriculares Nacionais - PCN**. Volume 6. Brasília, DF. MEC/SEF. 1997, 106 p.

_____. Ministério da Educação e Cultura. **Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil**. Brasília, DF: MEC/SEF, Vol. I, II e III, 1998.

_____. Ministério da Educação. A inclusão de crianças com deficiência na educação infantil. **Revista Criança**. Brasília, DF. DPE/SEB. Novembro, 2007, 44 p.

CAVALCANTI, Zélia. **Arte na Sala de Aula**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

CUNHA, Susana Rangel Vieira da. **Cor, som e movimento: a expressão plástica, musical e dramática no cotidiano da criança**. Porto Alegre: Mediação, 1999.

DERDYK, Edith. **Formas de pensar o desenho**. São Paulo: Scipione, 1989. Educação Infantil. São Paulo: Ática, 1996.

FEIST, Hildegard. **Pequena Viagem Pelo Mundo da Arte**. São Paulo: Editora Moderna, 2002.

GIACOMANTONIO, Marcello. **Os Meios Audiovisuais: Arte e Comunicação**. Editora Ltda., 1976.

HUIZINGA, Johan. **Homo Ludens**. São Paulo: Perspectiva, 1971.

KRAMER, Sônia. **A Política do pré-escolar no Brasil? A arte do disfarce**. 7. ed. São Paulo. Cortez. 2003.

_____. **A Política do Pré-Escolar no Brasil: A Arte do Disfarce**. Rio de Janeiro: Dois Pontos, 1987.

- LOWENFELD, Viktor. **A Criança e sua Arte**. São Paulo: Mestre Jou, 1977. 232 p.
- MACHADO, Patrícia Brum. **Comportamento infantil: Estabelecendo limites**. Porto Alegre: Editora Mediação, 2005.
- MAHONEY, Abigail Alvarenga; ALMEIDA, Laurinda Ramalho. **A constituição da pessoa na proposta de Henry Wallon**. São Paulo: Loyola, 2004.
- MATISSE, Henry. Com olhos de criança. **Revista Arte em São Paulo**, São Paulo, n. 14, março, 1983.
- MIRANDA, Nicanor. **Organização das atividades da recreação**: Editora Itatiaia Limitada, 1984.
- MOREIRA, Ana Angélica Albano. **O Espaço do Desenho: a Educação do Educador**. São Paulo: Loyola, 1999.
- OSTETTO, Luciana E.; LEITE, Maria Isabel. **Arte, Infância e Formação de Professores: Autoria e Transgressão**. Editora Papyrus, 2004.
- PIAGET, Jean. **Seis estudos de Psicologia**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1989.
- PLANO LANGEVIN-WALLON. In: MERANI, Alberto Leónidas. **Psicología y Pedagogía: Las ideas pedagógicas de Henri Wallon**. México, D. F: Grijalbo, 1969.
- RICHTER, Sandra. **Criança e Pintura: ação e paixão do conhecer**. Porto Alegre: Editora Mediação, 2005.
- SCHETTINI, Luiz. **Carão com Carinho**. Recife: Bagaço, 1995.
- SOUZA, Alcídio Mafrade. **Artes Plásticas na Escola**. Rio de Janeiro: Bloch, 1970.
- VYGOTSKY, L. S. **A Formação Social da Mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- UEPB COLETÂNEA DE TEXTOS DIDÁTICOS/UEPB- Campina Grande: UEPB, 2003.
- WALLON, Henri. O papel do outro na consciência do eu. Em: **Psicologia e educação da criança**. Lisboa: Editorial Vega, p. 147-159, 1979.

APÊNDICE



APÊNDICE – Questionário

Universidade Estadual da Paraíba
Curso de especialização em Formação de Professores da Educação Básica da
Universidade Estadual da Paraíba – UEPB

Cara educadora,

Solicito que responda a este questionário que servirá de subsídio para o trabalho monográfico denominado “As Artes Visuais: um espaço de criatividade e desenvolvimento infantil”

Atenciosamente

A handwritten signature in blue ink that reads 'Maria Gilvaneide Cavalcanti de Lima'.

Maria Gilvaneide Cavalcanti de Lima

- 1 – Qual é a importância, na sua opinião, da utilização das diversas formas artísticas, para o desenvolvimento infantil?
- 2 – Você conhece a proposta para o ensino das artes visuais existente no Referencial Curricular para a Educação Infantil? Caso conheça: Ela contempla a realidade da sua clientela? Por quê?
- 3 – Quais as formas artísticas que você usa no cotidiano da sua sala de aula?
- 4 – Quais são as principais dificuldades na aplicação do ensino das Artes Visuais na Educação Infantil?
- 5 – Você estimula a criança para participar das atividades artísticas visuais? Como?